



Manguinhos revelado

Exposição inédita traz registros da Fundação que pertencem ao conjunto de negativos de vidro reconhecido pela Unesco como Patrimônio Documental da Humanidade



Demonstração publicada em manual de abertura de ovo e retirada de embrião para preparo da vacina anti-amarílica, produzida pelo Serviço Nacional de Febre Amarela em Manguinhos (foto: Silvio Cunha, 1943)



desenvolvimento das atividades científicas na saúde pública do Brasil, as origens da Fiocruz na antiga Fazenda de Mangueiros e a evolução urbana do Rio de Janeiro – com grandes mudanças em sua paisagem – nos anos de 1903 a 1946 são recuperados na exposição *Mangueiros revelado: um lugar de ciência*. Concebida pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), unidade e centro de memória da Fundação, a mostra conduz o público à verdadeira jornada histórica em quatro módulos que reúnem fotografias, filmes e objetos museológicos. Os registros fotográficos são assinados por J. Pinto (contratado pelo próprio Oswaldo Cruz) e pertencem ao conjunto de negativos de vidro – composto por cerca de 8 mil itens digitalizados – do Arquivo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), reconhecido pelo Programa Memória do Mundo da Unesco como Patrimônio Documental da Humanidade desde 2012.

Com cerca de 120 fotos, a exposição é inédita e uma oportunidade única para o público conhecer parte desse grande acervo, considerado um repositório singular da memória visual da saúde pública nacional, tanto pelo valor histórico-documental quanto pelo valor artístico. Representa ainda uma referência da técnica e estética fotográficas aplicadas à saúde e à ciência. *Mangueiros revelado: um lugar de ciência* é uma realização da Folgado, tem gestão cultural da Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (SPCOC) e patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e da Fiotec. A mostra está na Galeria Jenny Dreyfus do Museu Histórico Nacional, no Centro do Rio de Janeiro (próximo à Praça XV), e tem curadoria de Aline Lopes de Lacerda, Nezi Heverton Campos de Oliveira, Pedro Paulo Soares e Renato Gama-Rosa.

O módulo de abertura *Mangueiros e a cidade do Rio de Janeiro* joga luz em aspecto muito importante: a capacidade de a cidade reinventar-se. A região de Mangueiros, ainda pouco



Imagem da exposição mostra a presença feminina nos cursos promovidos pelo Instituto Oswaldo Cruz. Laboratório de Física e Química para o Curso de Aplicação (1930-1940)

habitada, era ideal para a fabricação de soros e vacinas em 1900; iniciava-se a trajetória de uma das maiores instituições de saúde da América Latina. Na ocasião, o acesso a Mangueiros era possível apenas por barcos – que atolavam devido aos mangues da região (daí o nome do bairro) – e pela Estrada de Ferro Leopoldina. O curso do século 20 seria marcado por período de grandes intervenções e alterações no panorama da região, muito em função da necessidade de sanear e urbanizar os subúrbios do Rio de Janeiro.

O segundo módulo (*Cotidiano de Mangueiros*) passeia pelas origens da instituição que se consolidou no tripé pesquisa, ensino e produção de imunobiológicos. As fotografias registraram a visita de personalidades do mundo científico (Albert Einstein esteve em Mangueiros em 1925) e político ajudando a consolidar o prestígio que já desfrutava.

No terceiro módulo, *Mangueiros e os sertões do Brasil*, o público confere as expedições dos cientistas do então Instituto Oswaldo Cruz (IOC) ao interior do Brasil. As viagens significaram um marco para a pesquisa científica e para o conhecimento do Brasil,

associando o ideal civilizatório à proposta de integração dos sertões ao restante do país. As incursões no início do século 20 estavam relacionadas às atividades econômicas da época, como a construção de ferrovias, o saneamento de portos e a extração da borracha na Amazônia. As expedições promoveram pesquisas médicas, de higiene e de história natural e ampliaram a atuação do Instituto Oswaldo Cruz no território nacional.

O último módulo (*Negativos de vidro: suportes de memória*) aborda a importância dos registros fotográficos do IOC. Além de atenderem às exigências do trabalho científico, diziam respeito à constituição da memória do Instituto. Seja pela qualidade dos produtos utilizados em sua confecção, ou pela estabilidade conferida, os negativos de vidro são considerados, até hoje, o suporte fotográfico que melhor conserva as informações e menos sofre deterioração com o tempo. A digitalização do acervo gera cópias fiéis e que exigem menos tratamento, características que lhes conferem capacidade de longa permanência, convertendo-os em preciosos suportes de memória.

Exposição *Mangueiros revelado: um lugar de ciência*

Período: 11 de novembro a 29 de janeiro

Visitação: terça a sexta-feira, das 10h às 17h30; aos sábados, domingos e feriados, das 14h às 18h

Local: Museu Histórico Nacional – Galeria Jenny Dreyfus

Endereço: Praça Marechal Âncora s/n.º – Centro – Rio de Janeiro

Informações: (21) 3299-0324